

# ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICAS DE IMIGRANTES BRASILEIROS NO SURINAME

*Gabriel Mendes Hernandez Perez*  
*Orientadora: Mônica Maria G. Savedra*  
Mestrando

## Introdução

A emigração de brasileiros para o Suriname é um fenômeno relativamente recente que começou a ser percebido em meados dos anos 80. Atraídos pelas chances de encontrar ouro na Amazônia surinamesa, garimpeiros se instalaram nas matas do país, compondo as primeiras modestas ondas de emigração. As oportunidades no garimpo começaram a atrair mais brasileiros que viriam a se envolver em atividades ligadas direta ou indiretamente à extração de ouro, como o transporte de mercadorias e prostituição. Ao longo dos anos seguintes, alguns brasileiros começaram a se estabelecer na capital e relata-se que por volta de 1997/98 teve início a formação da comunidade de brasileiros em Paramaribo.

Embora não se possa precisar o número de pessoas que deixaram o Brasil e residam atualmente no Suriname, devido ao fato de muitas delas se encontrarem em situação irregular, estima-se que em torno de 16.000 brasileiros<sup>1</sup> vivam atualmente no país, compondo aproximadamente 3% de sua população e ocupando postos sobretudo nos setores de comércio, serviços, exploração mineral e prostituição.

O presente trabalho é parte das conclusões obtidas em uma viagem de campo realizada em julho de 2015 a Paramaribo. Aqui o autor se proporá a discutir as representações e práticas linguísticas observadas entre brasileiros residentes na capital surinamesa com relação ao sranantongo, idioma que serve como língua franca no país.

---

<sup>1</sup>Estimativa fornecida em julho de 2015 por José Paulo Ribeiro, presidente da Fundação para o Desenvolvimento Brasileiro no Suriname (Fundação BRASUR).

---

O estudo de tais fatores nos é útil por permitir compreender manifestações dos falantes face a determinadas línguas ou variedades linguísticas – inclusive suas próprias – tais como admiração, rejeição, preconceito, segurança ou insegurança.

A limitação da área estudada à cidade de Paramaribo fica sendo óbvia, uma vez que todo o território correspondente à fronteira política entre o Brasil e Suriname é tomado por densa mata, inexistindo, portanto, cidades fronteiriças, estradas ou postos de fiscalização dos respectivos órgãos competentes. Dessa maneira, a capital surinamesa fica sendo a porta de entrada de grande parte dos brasileiros que deixam seu país. Além disso, é nessa cidade, mais precisamente na região ao norte, onde se concentra a maior parte dos imigrantes brasileiros que, com seus comércios identificados por letreiros em português, suas músicas e suas bandeiras, reconfiguraram a paisagem urbana do local. Esse cenário, no qual um grande número de imigrantes originários do Brasil entra em contato com a multiétnica e multilíngue sociedade surinamesa, é caracterizado por trocas culturais e linguísticas intensas, constituindo assim um terreno fértil para a análise de elementos relativos às representações das línguas contatantes.

Este estudo está subdividido em uma primeira parte, na qual se encontra descrito de maneira sucinta o perfil linguístico do Suriname, com especial ênfase no status e nas funções sociais do sranantongo. Prossegue-se então com uma exposição teórica dos conceitos de prática, representação e insegurança linguística que nortearam a pesquisa. Em seguida, a metodologia utilizada para a coleta de dados é brevemente comentada e, nas duas últimas partes, são analisados alguns depoimentos e dados reunidos ao longo da pesquisa.

### **Sranantongo: língua franca de um país multiétnico e multilíngue**

A linguística vem nas últimas décadas se empenhando em desconstruir o mito do monolinguismo que idealiza a combinação “um povo, um país, uma língua”, conforme Kroskrity (2010), Woolard (2012) e Calvet (2007). Porém, no caso do Suriname em particular, até mesmo leigos hão de se espantar com o mosaico linguístico

---

observado no pequeno país com cerca de 540.000<sup>2</sup> habitantes de etnias distintas, como por exemplo, os descendentes de indianos, africanos, javaneses, chineses e europeus.

Quase 20 línguas coexistem no país, cujo idioma oficial é o holandês, falado por cerca de 60% da população<sup>3</sup>. O sranantongo, idioma crioulo surgido no contexto da diáspora africana, além de ser língua materna de cerca 100.000 surinameses, é a língua franca, dominada por praticamente todos<sup>4</sup>, incluindo muitos dos brasileiros que, em sua imensa maioria, não aprendem a língua oficial. Na capital Paramaribo encontram-se de maneira mais expressiva, além das línguas citadas, o javanês, o sarmani (variedade local do hindi) e o mandarim<sup>5</sup>.

O nome sranantongo significa literalmente “língua do suriname” (*sranan*: Suriname; *tongo*: língua). O termo *taki taki*, atualmente em desuso entre os surinameses conforme Adamson e Smith (1995), é bastante difundido entre brasileiros e possui conotações negativas, podendo ser traduzido como “falação” ou “tagarelice”.

Apesar de utilizado por quase a totalidade dos surinameses, o sranantongo possui, conforme observa Carew (1982), sua história marcada por estigmas e desprestígio. Não é difícil rastrear a origem e as motivações da imagem negativa atribuída à língua se levarmos em consideração tanto a conjuntura de sua gênese quanto o passado colonial do Suriname e seu sistema educacional durante séculos bastante elitista<sup>6</sup> e se, assim como Bourdieu (1996), entendermos a língua não apenas como um instrumento de comunicação, mas também de poder. No “mercado linguístico” conceituado pelo autor, o capital é atribuído aos poucos detentores das formas linguísticas de prestígio que se impõem como os únicos possuidores do saber legítimo. Dentro dessa estrutura, na qual coexistem variedades e línguas dominadas e dominantes e cujo funcionamento depende do acesso desigual a essas últimas, é irrelevante perguntar-se quantas pessoas falam uma língua, e sim quem fala o quê.

---

<sup>2</sup> ALGEMEEN BUREAU VOOR DE STATISTIEK IN SURINAME. Bevolking. Disponível em <http://www.statistics-suriname.org/index.php/statistieken/database/149-bevolking>. Acesso em 6 ago. 2015.

<sup>3</sup> TAALUNIEVERSUM. Het Nederlandse taalgebied. Disponível em: [http://taalunieversum.org/archief/taalpeil/2005/het\\_nederlandse\\_taalgebied.html](http://taalunieversum.org/archief/taalpeil/2005/het_nederlandse_taalgebied.html). Acesso em: 6 out. 2014.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> KAMP, André. Prologue. In: CARLIN, Eithne; ARENDS, Jacques. **Atlas of the languages of Suriname**. Leiden: KITLV Press, 2002.

<sup>6</sup> CAREW, Joy Gleason. Language and survival: Will Sranantongo, Suriname’s lingua franca, become the official language?. *Caribbean Quarterly*, v.28, n.1, 1983.

---

O uso do sranantongo continua banido em sala de aula, sob pena de punições e ridicularização, conforme relataram informantes que frequentaram escolas no Suriname. Em um recente relatório sobre o multilinguismo na educação surinamesa<sup>7</sup>, por exemplo, a maioria dos professores do ensino fundamental (*primair onderwijs*) e médio (*secundair onderwijs*) entrevistados declararam-se de acordo com afirmações do tipo “Os pais devem educar seus filhos em holandês” ou “Os alunos devem falar holandês em sala de aula”.

Bourdieu (1996) nos apresenta o conceito de dominação simbólica e explica como a escola, ao impor a cultura e língua das classes dominantes e convertê-las em saber legítimo, estigmatiza as classes dominadas e perpetua a ordem social. Para o autor:

O sistema de ensino, cuja ação se amplia e se intensifica no decorrer do século XIX, sem dúvida contribui diretamente [...] para a desvalorização dos modos de expressão populares, relegados ao estado de “jargão” e de “algaravia”. (*ibid.* p. 36)

Glodowska (2007), Arends (2002) e Adamson e Smith (1995), por outro lado, destacam a importância como símbolo de resistência e identidade nacional que tem sido dada ao sranantongo após a independência do país em 1975. Segundo Glodowska, os surinameses em geral têm orgulho de sua língua, ainda que, nas palavras da autora, reconheçam o valor do holandês pelo fato de ele permitir uma maior riqueza expressiva. Nos últimos quarenta anos o sranantongo vem assumindo papéis anteriormente atribuídos ao holandês. Sua sistematização ortográfica ocorreu em 1986<sup>8</sup> e atualmente sua presença se faz notar na mídia, em publicações e, sobretudo, nas artes e em discursos políticos.

---

<sup>7</sup> KROON, S. K. Yagmur. **Meertaligheid in het onderwijs in Suriname**. Den Haag: Nederlandse Taalunie, 2012

<sup>8</sup>BLANKER, J.C.M.; DUBBELDAM, J. Lexicografische verantwoording. In: \_\_\_\_\_. *Prisma woordenboek Sranantongo – Prisma wortubuku fu Sranantongo*. Antuérpia: Prisma, 2014. p. 16

---

## Representações linguísticas

Em seu abrangente estudo sobre as representações linguísticas, Petitjean (2009) recorre a Labov (1972) para explicar a relevância do estudo das representações linguísticas. Contrastando com o estruturalismo de Saussure e o gerativismo chomskyniano, a língua, segundo os autores, não existe apenas através de seus falantes e do uso que eles fazem dela, mas também através de um conjunto de conhecimentos epilinguísticos<sup>9</sup> reunidos pela comunidade linguística. Conforme a autora, a “língua é um objeto com relação ao qual os locutores se posicionam, estabelecendo assim uma determinada relação que irá produzir, para os sujeitos falantes, uma certa *imagem* da língua”(PETITJEAN, 2009 p. 14, tradução nossa).

Considerando a imprecisão do termo “imagem”, a autora prefere empregar o conceito de representações linguísticas que discutirei brevemente nos próximos parágrafos.

Surgido no âmbito da psicologia social de Serge Moscovici e Denise Jodelet, a ideia de representações sociais foi transposta para a linguística por Wallace Lambert e seus colaboradores durante os anos 60 com seus trabalhos envolvendo a técnica de *matched guises*.

Durante o procedimento, sujeitos ouviam vários pares de textos, sendo que cada par contava com duas versões de igual teor redigidas em línguas distintas e que eram então lidas por falantes perfeitamente bilíngues nas duas formas linguísticas. Em seguida, os ouvintes, desconhecendo que cada par de texto havia sido lido pela mesma pessoa, eram solicitados a avaliar os falantes de acordo com critérios como inteligência, honestidade, senso de humor, gentileza etc. Da análise dos julgamentos auferiu-se que a um mesmo locutor eram atribuídas características que variavam de acordo com idioma por ele empregado, fato que Fasold (1984 *apud* UFLACKER; SCHNEIDER, 2008) supõe dever-se às próprias línguas expostas aos ouvintes.

---

<sup>9</sup> Cabe comentar aqui brevemente a noção de epilinguístico conforme Dubois et al. (2001 *apud* PETITJEAN, 2009). Para o autor, epilinguístico é tudo aquilo relacionado aos julgamentos subjetivos que os falantes têm das línguas. Petitjean esclarece a diferença entre a função epilinguística de Dubois e o conceito de representação linguística. Para a autora, as representações não se remetem simplesmente às avaliações dos falantes, e sim a todo o ambiente linguístico no qual eles se encontram.

---

Trabalhos posteriores, como os de Alain Rey, William Labov, Anne-Marie Houdebine e Cecile Canut, alimentaram uma abrangente terminologia que deu origem a termos tais como *norma subjetiva*, *avaliação subjetiva*, *atitude linguística*, *imaginário linguístico*, *juízo*, *opinião*, utilizados, segundo Lafontaine (1997 *apud* CALVET, 2004), de maneira mais ou menos equivalente.

Para fins de simplicidade, utilizarei neste trabalho a definição para representação e prática linguística proposta por Calvet (2004). Na concepção do autor, práticas linguísticas são tudo “aquilo que produzem os falantes, a maneira de falar, mas também a maneira como adaptam suas práticas às situações de comunicação, por exemplo, às práticas e às expectativas do interlocutor.” (*ibid.* p. 163, tradução nossa). Já as representações linguísticas são definidas como:

[...] a maneira como os falantes pensam as práticas, como se situam com respeito aos outros falantes e às outras práticas e como situam a sua língua com respeito às outras línguas em contato; em resumo, tudo o que remete à epilinguística. (*ibid.*, tradução nossa)

Ainda segundo o autor, as representações determinam não só os juízos sobre as línguas e modos de falar, mas também são responsáveis pela criação de estereótipos e pelo desenvolvimento das próprias práticas linguísticas.

Um último conceito relevante para o estudo aqui apresentado é o de *insegurança linguística*, desenvolvido por Labov nos anos setenta e que podemos entender como produto da relação entre as representações e as práticas linguísticas. Aplicado inicialmente em contextos de diglossia<sup>10</sup>, o termo se refere a situações nas quais os falantes estigmatizam sua própria variedade linguística enquanto possuem um outro modelo de prestígio como ideal. Tal desconforto com o modo de falar que lhes é característico pode influenciar a forma da língua em si, gerando fenômenos como a hipercorreção.

Calvet (*ibidem*) aplicou a ideia de insegurança linguística a situações multilíngues e propôs uma tipologia que ultrapassa os aspectos formais das línguas. O autor nos apresenta, além da noção de *insegurança formal*, muito semelhante à definida por Labov, os conceitos de *insegurança de status*, quando falantes acreditam utilizar

---

<sup>10</sup> Diglossia cf. definição Matheus (1997). Fala-se em diglossia quando coexistem em uma comunidade duas variedades de língua, uma adquirida através de educação formal e outra adquirida naturalmente, sendo que o uso de cada uma dessas variedades depende do grau de formalidade das situações de interação.

---

uma forma linguística ilegítima, que “não é uma língua”; e a *insegurança identitária*, observada em pessoas que falam uma língua que não consideram como representativas de si e de sua comunidade.

Conforme mencionado no caso da hipercorreção apontada por Labov, a insegurança e as representações linguísticas em geral agem estruturalmente sobre a língua. Considerando igualmente as duas outras noções de insegurança trazidas por Calvet, concluímos que, segundo postula o autor, uma imagem favorável ou desfavorável de uma língua afeta não só o modo como falam as pessoas, mas também “o status (o que é adequado falar, a ‘língua legítima’) e a função identitária da língua (o que caracteriza a comunidade).” (*ibid.*p. 173, tradução nossa).

## **Metodologia**

A coleta de dados foi realizada em julho de 2015 ao longo de 17 dias durante a viagem de campo do autor a Paramaribo. Foram realizadas 22 entrevistas semiestruturadas com brasileiros com residência fixa na capital há pelo menos dois anos.

As conversas se basearam em um questionário contendo 59 perguntas, através das quais procurou-se obter, além dos dados demográficos dos falantes, informações sobre a aquisição e competência linguísticas, os usos funcionais das línguas<sup>11</sup>, as representações linguísticas, as comunidades de prática e redes sociais nas quais os informantes se inserem e sobre o contato que os imigrantes estabelecem com outros grupos. Relevantes para o presente trabalho, que discute alguns resultados da pesquisa realizada, são sobretudo os dados demográficos e os relativos às representações linguísticas dos falantes.

Inspirado pelo método da observação participante, apesar das limitações impostas pelo tempo reduzido que passei na cidade, empenhei-me também em me aproximar mais de alguns brasileiros que já haviam sido previamente entrevistados ou não. Acompanhado pelos imigrantes e por vezes por surinameses, fui a um culto evangélico, a uma casa de prostituição, a restaurantes, bares e frequentei um clube noturno muito conhecido entre o povo local e, sobretudo, entre brasileiros, muitos deles prostitutas e garimpeiros de passagem pela cidade.

---

<sup>11</sup> Definição de uso funcional cf. Savedra (2009)

---

Após tais encontros informais, nos quais as conversas não eram gravadas, os dados eram protocolados e constituem parte do corpus do trabalho. As informações fornecidas por imigrantes com quem interagi durante essas conversas não estão computadas nas estatísticas aqui apresentadas, mas poderão ser citadas em caráter ilustrativo.

### **Análise de dados**

Com relação aos fatores extralinguísticos de escolaridade e sexo, os falantes se distribuíaam da seguinte forma:

Sexo		ma sculino.	fe minino
Esco laridade	Ensino fundamental (completo e incompleto)	4	4
	Ensino médio (completo e incompleto)	4	4
	Ensino superior (completo e incompleto)	3	3

*Tabela 1: Relação dos entrevistados conforme escolaridade e sexo*

O recorte realizado não pretendeu refletir o perfil sociolinguístico da comunidade de brasileiros vivendo no país, mas tão somente analisar as práticas e representações dos imigrantes acerca do sranantongo, considerando as variáveis de sexo e escolaridade.

Para fazer referência específica aos falantes, utilizarei nesta parte do trabalho um sistema alfanumérico de siglas, no qual a primeira letra “H” ou “M” indicará o sexo e os dois dígitos seguintes a idade, caso tenha sido informada.

Primeiramente perguntou-se aos locutores quais eram as línguas faladas no Suriname. A pergunta tinha como objetivo verificar qual era o termo usado pelos



---

brasileiros para denominar o sranantongo. Dos 22 entrevistados, 10 se referiram à língua como sranantongo, 11 como “taki taki” e a menina M15, aluna do ensino fundamental surinamês, não mencionou a língua. Alguns dos informantes que se referiram inicialmente à língua como sranantongo, acabaram recorrendo ao termo “taki taki” em outros momentos das conversas. A situação inversa também foi detectada, porém com menor frequência.

Dentre os 10 brasileiros que utilizaram o nome “sranantongo” encontram-se 5 dos 6 entrevistados com nível superior e mais 3 com ensino médio e 2 com ensino fundamental. Desses 5 entrevistados com ensino médio ou fundamental, 3 o haviam concluído em escolas surinamesas quando jovens ou estavam cursando atualmente. A partir daí é possível inferir que o nome oficial é mais corrente entre os imigrantes com nível de escolaridade mais alto e aqueles que cresceram no país.

Já entre os que fizeram uso do termo “taki taki”, 5 possuíam ensino fundamental, 5 ensino médio e 1 ensino superior. A variável sexo revelou-se bastante significativa: 3 homens e 8 mulheres se referiram à língua pelo termo pejorativo.

Ao longo das entrevistas e observações de campo, notou-se que para a grande maioria dos brasileiros o sranantongo não é uma língua, e sim um dialeto. Depoimentos que faziam referência a um “dialeto não oficial”, “dialeto da rua” ou a uma “mistura” foram observados em quantidade expressiva entre falantes com todos os níveis de escolaridade e de ambos os sexos. Uma informante, com nível superior e residência no país há quase 30 anos, revelou ciência sobre as mudanças no status da língua: “Quando eu cheguei aqui, o sranantongo era dialeto, mas hoje é língua.”

Procurou-se saber também se os locutores achavam que os brasileiros deveriam aprender sranantongo e holandês no Suriname. Embora as representações acerca da última língua não sejam objeto do presente trabalho, cito para fins de comparação os resultados auferidos: 18 informantes responderam “com certeza” e 4 “acredito que sim”. Com relação ao sranantongo, “com certeza” e “acredito que sim” foi a opção de 17 e 2 brasileiros respectivamente. “Acredito que não” afirmaram dois informantes: a jovem M20, que emigrou quando criança e possui ensino médio (*secundair onderwijs*) concluído no Suriname, e o brasileiro H29, um rapaz com ensino fundamental incompleto e que não fala holandês. “Não acho bonito, não recomendo” foi a justificativa da moça. O entrevistado H29 apresentou como argumento o fato de que “a língua principal é o holandês”. A menina M15, a mesma que não citou o sranantongo

---

entre as línguas faladas no país, preferiu não opinar, dizendo que o aprendizado do idioma “fica ao critério de cada um”.

A análise dos dados acima nos permite supor um grau de rejeição ao sranantongo mais significativo entre mulheres jovens que cresceram no país, uma vez que as duas únicas entrevistadas com esse perfil não se declararam expressamente favoráveis ao aprendizado da língua por brasileiros.

Como resposta à pergunta “Qual língua é mais importante?”<sup>12</sup>, de caráter bastante genérico e subjetivo e que contava com as opções holandês, sranantongo, português e inglês, nenhum dos entrevistados mencionou o sranantongo. Quando solicitados a opinar sobre qual língua, dentre as mesmas opções acima, era a menos importante, 6 e 4 pessoas citaram o português e o inglês respectivamente, justificando que no Suriname eram as línguas menos usadas, 2 escolheram o holandês e 7 o sranantongo. Três informantes preferiram não opinar.

**E:** E pra você, qual é a língua menos importante?

**M30:** Taki taki [...]

**M:** A menos importante não é o taki taki não, porque é a única que salva a gente.

**M30:**É, salva muito mesmo.

Para ter uma noção sobre o grau de insegurança linguística dos entrevistados, resulta interessante cruzar as respostas a essa última pergunta com o nível de competência linguística em holandês e inglês, as línguas mais importantes conforme informado pelos brasileiros. Dentre os 7 imigrantes que acreditam ser o sranantongo a língua menos importante, 5 haviam declarado falar “pouco” ou “nada” de holandês, ainda que, desses mesmos 7 entrevistados, 4 tenham afirmado na pergunta anterior ser o holandês a língua mais importante. Agregando à nossa análise as variáveis de sexo, idade e escolaridade, temos a tabela abaixo:

exo/	Esc olaridade	Compet ência linguística no sranantongo	Idioma considerado mais importante	Compet ência linguística no inglês	Compet ência linguística no holandês
------	------------------	---	--	--	--

---

<sup>12</sup> As duas perguntas citadas nesse parágrafo não foram feitas a uma das informantes, uma imigrante com ensino superior.

dade					
20	fundamental	boa	holandês	nada	pouco
34	fundamental	pouca	inglês	nada	nada
33	superior	boa	holandês	boa	boa
29	fundamental	pouca	holandês	pouco	nada
40	médio	nada	inglês	regular	pouco
15	fundamental	nada	holandês	nada	regular
30	médio	regular	inglês	pouco	pouco

*Tabela 2: Relação entre as representações negativas sobre a importância do sranantongo e a competência linguística em inglês e holandês*

Vemos que a competência linguística em sranantongo dos entrevistados distribuiu-se de maneira praticamente uniforme entre boa, pouca, regular e nada, sendo que os falantes H40 e H29 avaliaram sua competência nas três línguas como pouca ou nenhuma. Com respeito ao idioma considerado mais importante, dentre os 7 entrevistados apenas o informante H33, que imigrou para o país com 4 anos, declarou dominá-lo. Aqui, a variável sexo apresentou tendência inversa aos resultados já analisados, já que mais homens que mulheres revelaram representações desfavoráveis ao sranantongo nesse aspecto.

Também considerando o holandês, português, sranantongo e inglês, os falantes opinaram sobre qual língua seria a mais bonita. Dos 22 entrevistados, nenhum citou o sranantongo. Quando indagados sobre qual língua em sua opinião era a menos bonita, 19 apontaram o sranantongo. Preferiram não opinar os informantes H54, M49 e H30, os dois primeiros com ensino superior e o último com ensino médio completo.

A imensa maioria para a qual o sranantongo era a língua mais feia citou argumentos do tipo “é vulgar”, “parece que estão brigando”, “não tem gramática”, “a

---

sonoridade me incomoda”, “é tipo palavrão, você não pode falar em qualquer lugar” e “é agressivo”.

Como já comentado, percebeu-se uma rejeição maior das mulheres ao sranantongo. Algumas delas, hoje casadas com surinameses, relataram terem recebido de suas sogras a recomendação de não aprenderem a língua, por ela ser “inapropriada para mulheres”. Muitas brasileiras entrevistadas comentaram achar feio moças falando na língua.

Dois jovens, ambas com ensino médio, com quem conversei em ocasiões distintas foram enfáticas ao dizer que não falavam nada de sranantongo. Uma delas, quando perguntada sobre como se comunicava com os comerciantes chineses que não falam holandês, admitiu possuir competência muito limitada no idioma. Já a segunda foi observada pelo autor conversando em sranantongo com surinameses em um clube noturno.

No que tange as influências das representações sobre as práticas linguísticas sobretudo das imigrantes, o depoimento da falante abaixo, uma mulher com ensino médio completo e casada há 11 anos com um surinamês, é bastante esclarecedor:

**M37:** Porque quando tu aprende o taki taki... é difícil... aí aos poucos tu vai aprendendo o holandês e vai trocando algumas palavras de taki taki pra holandês... e isso complica muito... porque uma mulher que fala taki taki é feio [...] aí eu procuro trocar... aprender o holandês e trocar as palavras que eu sei.

### **Considerações finais**

Já é lugar comum em trabalhos sobre multilinguismo citar a máxima “Uma língua é um dialeto dotado de exército e marinha”, de autoria controversa. Como nos lembra Bagno (2011), o termo *dialeto* quando utilizado fora do discurso científico vem sempre carregado de preconceito racial e/ou cultural e serve para caracterizar determinadas formas linguísticas como modos “feios”, “errados” ou “atrasados” de se falar uma língua “legítima”. A imagem de “um dialeto popular” que os brasileiros constroem do sranantongo e a própria insistência em referir-se à língua por meio de um termo atualmente em desuso e que nos remete aos tempos coloniais já nos revela algo sobre os julgamentos desfavoráveis que os imigrantes fazem do idioma que “os salva” no Suriname, segundo citou uma de minhas interlocutoras.

---

Como já explicado no item dois deste trabalho, o estigma atribuído à língua antecede a imigração dos brasileiros. Na *guerra das línguas* problematizada por Calvet em 1998, a humanidade desde tempos tão remotos quanto os do primeiro contato entre gregos e romanos vem convertendo diferenças em subordinação ao considerar a língua do outro inferior à sua própria. É importante perguntar-se então sobre o que leva os falantes a formularem representações negativas acerca de uma determinada língua. Nesse sentido, Gilles e Nieldzieski (1998) podem elucidar brevemente a questão:

São as conotações sociais dos falantes de uma variedade linguística – sejam eles associados a pobreza, criminalidade, pouca escolaridade ou, por outro lado, cultos, ricos e politicamente poderosos – que ditam nossos julgamentos estéticos (entre outros) sobre a variedade linguística. [...] julgamentos de beleza linguística são determinados em grande parte pelo contexto social mais amplo no qual eles se inserem.” (GILES; NIEDZIELSKI, 1998, p. 89-90 apud CORBARI, 2011 p. 68-69, tradução nossa)

Com base nos dados da pesquisa aqui expostos, percebemos também uma tendência significativamente maior da parte dos falantes menos escolarizados a estigmatizarem o sranantongo. Neste ponto, é impossível não se lembrar da *violência simbólica* de Bourdieu e questionar-se se esses brasileiros, eles mesmos usuários de variedades linguísticas de menor prestígio em seu país, não estariam reproduzindo um discurso elitista e adotando representações linguísticas análogas àquelas das quais são vítimas no Brasil.

Infelizmente não cabe aqui uma discussão sobre questões de gênero, mas Bourdieu(1996) também lança alguma luz sobre o fato de a rejeição do sranantongo ser mais forte entre as mulheres, fazendo com que algumas delas se empenhem em pelo menos adotar mais elementos do holandês em sua fala, conforme nos declarou uma informante. Na concepção do autor, as mulheres apresentam mais disposição para adotarem a língua legítima por estarem condenadas a uma postura de “docilidade em relação aos usos dominantes” e também por serem “movidas pela lógica do casamento que constitui para elas a via principal [...] de ascensão social” (*ibid.* p. 37). Essa última condição é inegável, conforme minhas observações e as de Höfs (2006), no caso de imigrantes pertencentes a níveis socioeconômicos mais baixos que foram trabalhar no país inicialmente como prostitutas.

É fato óbvio para qualquer visitante a Paramaribo, incluindo as autoras Theije (2006) e Höfs (2006), que a vasta maioria dos brasileiros no país domina muito pouco o

---

holandês ou até mesmo o inglês, recorrendo ao português sempre que possível e também ao sranantongo para interagirem com os surinameses. A partir dessas afirmações e dos dados aqui reunidos é razoável concluir que esses imigrantes, enquanto usuários de uma língua que não consideram nem legítima e tampouco característica de sua comunidade e na qual em certas ocasiões não se declararam suficientemente competentes, se encontram em uma desconfortável situação de insegurança linguística de status, identitária e por vezes formal.

Sabemos que as práticas e as representações linguísticas se influenciam mutuamente. Assim, as representações que os falantes têm de si e do outro agem sobre suas escolhas, como por exemplo, qual língua ensinar aos seus filhos, que idioma estrangeiro aprender ou qual língua utilizar em situações de contato linguístico. Tais práticas, por sua vez, contribuirão para a formulação das representações de outros indivíduos. Tendo em mente os depoimentos e estatísticas expostos nesse trabalho, cabe perguntar-nos em que medida as ideias de “feio”, “pouco importante” etc. que os brasileiros formulam sobre o sranantongo afetam seu modo de expressar-se no idioma ou, ainda, se tais representações desencorajam os imigrantes a aprender a língua, fazendo com que recorram ao holandês e/ou inglês ou permaneçam monolíngues, conforme suas condições socioculturais e grau de integração à comunidade local por eles almejado.

## REFERÊNCIAS

ADAMSON, L.; SMITH, N. Sranan. In: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (Eds.). *Pidgins and creoles: an introduction*. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

ALGEMEEN BUREAU VOOR DE STATISTIEK IN SURINAME. Bevolking. Disponível em <http://www.statistics-suriname.org/index.php/statistieken/database/149-bevolking>. Acesso em 6 ago. 2015.

BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipóstase. In: XOÁN, C.L.; BAGNO, M. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011.

BLANKER, J.C.M.; DUBBELDAM, J. Lexicografische verantwoording. In: \_\_\_\_\_. *Prisma woordenboek Sranantongo – Prisma wortubuku fu Sranantongo*. Antuérpia: Prisma, 2014. p. 16

---

BOTASSINI, J. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. *Línguas e letras*, Paraná, vol., n. 22, p. 65-84, 2011.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996

CALVET, L-J. *Language wars and linguistic politics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. *Por una ecoloxía das linguas do mundo*. Compostela: Edicións Laiovento, 2004.

\_\_\_\_\_. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAREW, J. Language and Survival: Will sranan tongo, Suriname's lingua franca, become the official language? *Caribbean Quarterly*, Jamaica, vol. 28, n. 1, p: 1-16, 1982.

CARLIN, E.; ARENDS, J. *Atlas of the languages of Suriname*. Leiden: KITLV Press, 2002.

CORBARI, C.C. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, 2013, 258 p. (Tese de doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FREITAG, R.M.K. (Org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

GLODOWSKA, I. *De omgangstalen in Suriname: Sranan Tongo*. Munique: GRIN Publishing GmbH, 2007.

HÖFS, C. C. *Yu kan vertrouw mi: você pode confiar*, 2006, 173 p. (Dissertação de mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.

KROON, S. K. Y. *Meertaligheid in het onderwijs in Suriname*. Den Haag: Nederlandse Taalunie, 2012.

---

KROSKRITY, P. Regimenting languages: language ideological perspectives. In: \_\_\_\_\_. *Regimes of languages: ideologies, politics and identities*. Santa Fé: School of American Research Press, 2000.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008

LAFFORGUE, M. *Bourdieu para principiantes*. Buenos Aires: Era Naciente, 2014.

MARTINS, L. M. *Brasiguaios: Um estudo sociolinguístico da comunidade dos imigrantes brasileiros em Santa Rosa del Monday – Paraguai*, 1996, 136 p. (Dissertação de mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MATHEWS, P.H. *Concise dictionary of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

PEREIRA, T.; COSTA, D.. Representação linguística: perspectivas práticas e teóricas. *Gragoatá*, Niterói, n.31, p.:171-188, 2012.

PETITJEAN, C. *Représentations linguistiques et plurilinguisme*, 2009, 484 p. (Tese de Doutorado em Cognição, Linguagem e Educação). Université de Provence et de Neuchâtel, spécialité Sciences du langage.

RIEHL, C. M. *Sprachkontaktforschung: eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2009.

SAVEDRA, M.M.G.; Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. In: SAVEDRA, M.M.G; SALGADO, A.C.P. (Org.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 121-140.

SCHIMMEL, E. L. *Het is niet alles goud wat er blinkt*. Klein Belém: een nieuw 'thuis' voor Braziliaanse migranten in Suriname, 2010, 55 p. (Monografia de graduação em Ciências Sociais) Faculty of Social and Behavioural Theses, Universiteit Utrecht, Utrecht. Disponível em: <http://dspace.library.uu.nl/handle/1874/179948>. Acesso em: 06 out. 2014.

STEFANO, D. Vozes dos novos imigrantes: a vida dos brasileiros nos garimpos do Suriname. 2012. Disponível em: <http://archieff.mnw.nl/portugues/radioshow/a-vida-dos-brasileiros-nos-garimpos-do-suriname>. Acesso em: 6 out. 2014.



---

TAALUNIEVERSUM. Het Nederlandse taalgebied. Disponível em: [http://taalunieversum.org/archief/taalpeil/2005/het\\_nederlandse\\_taalgebied.html](http://taalunieversum.org/archief/taalpeil/2005/het_nederlandse_taalgebied.html). Acesso em: 6 out. 2014.

THEIJE, M. Insegurança próspera: as vidas dos migrantes brasileiros no Suriname. *Revista AntHropológicas*, v. 18, n. 1, 2007.

\_\_\_\_\_. Transnationalism in Surinam: Brazilian Migrants in Paramaribo. In: GOWRICHARN, R. (Ed.). *Caribbean Transnationalism: Migration, Pluralization, and Social Cohesion*. Oxford: Lexington Books, 2006.

UFLACKER, C.M.; SCHNEIDER, M.N. Atitudes linguísticas e variedades dialetais alemãs. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, p. 33-51, 2008.

WOOLARD, K. Introducción: las ideologías linguísticas como campo de investigación. In: SCHIEFFELIN, B., WOOLARD, K., KROSKRITY, P. (Eds.). *Ideologías lingüísticas: práctica y teoría*. Madrid: Catarata, p. 19-69, 2012.